

O enigma da canjica

A canjica, no parecer abalizado do mestre Luís da Câmara Cascudo (1898-1976), é “prato tradicional, indispensável e típico nas festas de São João”.¹ De fato, é muito difícil discordar do eminente potiguar. É uma heresia culinária conceber as festas juninas nordestinas sem a presença da deliciosa iguaria. A receita é muito simples: milho verde ralado, açúcar, manteiga, leite de coco. Como condimento, o cravo e a canela.

Os poucos ingredientes combinam-se e resultam numa tentação para qualquer asceta à mesa. A iguaria pode ser comida quente ou fria, sendo que o mais comum é seu consumo gelada. Mas como a canjica se fez presente na culinária brasileira? Veio da África, da Europa ou é coisa *made in Brasil*? Que história esconde o maravilhoso manjar?

A título de nota, consideremos o que dizem os “peritos” da área, os etimólogos, que investigam as origens, as metamorfoses dos vocábulos ao longo do tempo. Vale dizer, logo de início, que a origem do termo ‘canjica’ é questão controversa. Não há consenso entre os especialistas sobre o tópico.² Revisemos o parecer dos especialistas.

O sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987), foi um dos primeiros a se debruçar sobre a origem da canjica. Conforme ele, a canjica é prato de procedência nativa. Se enquadraria na lista das contribuições culinárias dos índios ao cardápio nacional. A canjica, ao lado da moqueca, da paçoca, do mingau, do beiju, da carne moqueada, seria uma deliciosa herança dos Tupinambás, índios brasileiros que habitavam o litoral, quando da chegada dos europeus no começo do século XVI. O estudioso recifense concebe a canjica como sendo derivada do termo tupi “acanjic”. Infelizmente, Freyre não indica a fonte da sua explicação etimológica.³

A favor da tese do autor, temos o fato de que o milho, matéria-prima principal da canjica, é cereal de comprovada origem sul americana. Todavia, contra a tese de Gilberto Freyre, se levanta o depoimento taxativo de uma testemunha colonial: Frei Vicente do Salvador (1564-1639). Em 1627, o religioso, tratando da relação dos índios com o coco, recém introduzido na terra, diz que os silvícolas “só os comem e bebem a água (...) sem os mais proveitos que tiram [do coco] na Índia”.⁴

Contraopondo-se à explicação dada por Gilberto Freyre, temos a opinião de estudiosos da língua portuguesa. Para estes peritos, o termo canjica não é indígena, veio importado da África junto com os escravos. Para Nei Lopes (1942-), o termo que batiza o nosso prato junino tem origem no quicongo, língua falada no Congo e Angola. O dicionarista vê no termo canjica uma metamorfose de “Kanzika”, papa grossa de milho cozido.⁵

Mário Eduardo Viaro (1968-), professor de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo, é outra autoridade a defender a procedência africana do termo canjica. Viaro, como Nei Lopes, acredita que o nome chegou até nós por meio dos escravos africanos. O autor deriva o termo português canjica das línguas bantas ‘quimbundo’ e ‘umbundo’, faladas, sobretudo, em Angola. Conforme Viaro, canjica advém de “Kanjica”, nas línguas mencionadas significa papa.⁶ No entender do especialista, o quimbundo e o umbundo “são as mais representativas [das línguas africanas] nas etimologias do português”.

Antes de Nei Lopes e de Eduardo Viaro, um outro perito brasileiro já havia atribuído origens africanas ao vo-

cábulo canjica. Aludo ao etimologista Antenor Nascentes (1886-1972). O famoso estudioso viu na canjica brasileira uma herança procedente da África. No parecer do ensaísta, canjica é vocábulo oriundo do quimbundo “língua da família banta falada em Angola pelos ambundos”. Canjica, diz o autor, vem do quimbundo, “Kandjica”⁷.

O filólogo Antonio Geraldo da Cunha (1924-1999) também tentou decifrar o enigma etimológico da canjica. Cunha se distancia tanto da hipótese ameríndia quanto da africana. O perito entende que canjica vem de uma outra palavra portuguesa. Para ele, a origem de canjica é o termo canja. O termo viria de Kanji, termo da língua malaiala falada na região de Malabar, sudoeste da Índia e que significa “arroz com água”. Assim, conforme os estudiosos, o nome de batismo da canjica tem origem asiática.⁸

Que o leitor não estranhe a suposta origem oriental da canjica. Pois foi intensa a presença portuguesa na Índia, particularmente em Goa, a partir do século XVI. Lembremos Eduardo Viaro que os “portugueses tiveram contato direto com vários povos da Ásia”.⁹ O mesmo estudioso afirma que o malaiala enquadra-se dentre as línguas indianas com as quais os portugueses mais tiveram contato, ao lado do concani e do tâmil. Se Cunha tiver correto, a brasileira canjica é prato híbrido, cujo nome procede do distante oriente. Assim, o inosso arroz foi substituído pelo milho, e o leite de coco tomou o lugar da água.

Favorecendo a hipótese de Cunha, temos que considerar as intensas relações comerciais entre Índia e Brasil entre 1497 e 1860. A chamada “carreira da Índia”, o roteiro marítimo, incluía o porto da Bahia. Por meio dele, muitos produtos orientais, particularmente indianos, foram trazidos ao Brasil, ao longo dos séculos 16, 17, 18 e 19. É o caso do cravo e da canela, dois condimentos da celebrada canjica.¹⁰

Vê-se, pois, que o delicioso manjar junino, a canjica, pode ter se originado em três distintos pontos da geografia: Brasil; Angola/Congo e Índia (Goa). Aos peritos da etimologia, fica a tarefa de dirimir qual das três hipóteses é a mais acertada, ou apresentar uma outra mais condizente com a documentação. Eu, mero curioso nesta seara fascinante, fico a aguardar, ansioso, que eles esclareçam o enigma etimológico da canjica.

Notas:

- 1 CASCUDO, Luís da Câmara. *Canjica*. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9 ed. São Paulo: Global, 2000. p. 195-196.
- 2 ZAMBONI, Alberto. *La etimologia*. Madrid: Gredos, 1988. p. 09.
- 3 FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003. p. 194.
- 4 SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil*. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979. p. 66.
- 5 LOPES, Nei. *Novo Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. p. 66.
- 6 VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras: Manual de Etimologia do Português*. São Paulo: Globo, 2004. p. 297.
- 7 NASCENTES, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937. v. 1.
- 8 CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 148.
- 9 VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras*. São Paulo: Globo, 2004. p. 302.
- 10 LAPA, José Roberto do Amaral. *A Bahia e a Carreira da Índia*. ed. fac-similada. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 254.